

Guia Para Iniciantes Em Profecia Bíblica

1 - O que é Profecia Bíblica?

Hoje pensamos em “profecia” como quase um sinônimo de “predição”. Se alguém faz uma profecia, ele está emitindo uma previsão sobre o futuro.

Os profetas bíblicos freqüentemente faziam previsões, mas isso era apenas parte do que eles faziam.

A palavra grega profeta (*prophētēs*) vem de raízes que indicam uma pessoa que fala a frente de um grupo de pessoas (pro “a frente de” + *phētēs* “falante”). Se tivéssemos de lhe dar uma nova tradução para o português, *porta-voz* seria um bom equivalente.

Isso é o que os profetas foram: porta-vozes de Deus. Como resultado, eles tinham a tarefa de dar às pessoas qualquer mensagem que Deus desejasse que fosse transmitida, quer essa mensagem tivesse ou não a ver com o futuro.

Às vezes, as pessoas até queriam que os profetas revelassem informações sobre coisas que aconteceram no passado. Assim, quando os oponentes de Jesus estavam zombando dele, eles primeiro vendaram os olhos e depois o esbofetearam, dizendo: “Faz uma profecia: quem é que te bateu?” (Lucas 22,64)

Deus não estava interessado em satisfazer demandas jocosas como aquela, mas estava interessado em alertar seu povo contra o pecado - e isso é o que os profetas bíblicos faziam na maior parte do tempo. Advertir Israel contra seus pecados - idolatria, derramamento de sangue, opressão dos pobres - era uma das principais tarefas dos profetas bíblicos. Claro, alertar as pessoas sobre o pecado envolve alertá-las sobre o que acontecerá se elas não se arrependerem, e por isso os profetas também trataram de eventos futuros.

No Antigo Testamento, o foco não estava em quais seriam as consequências do pecado na próxima vida, mas em quais seriam nesta. Os profetas alertavam regularmente as pessoas sobre as consequências neste mundo, como fomes, doenças e invasões militares. Essas foram as consequências que Deus permitiria se as pessoas persistissem em seus pecados.

Deus também prometeu recompensas se as pessoas agissem de maneira moral. Se elas abandonassem os ídolos, o derramamento de sangue e a opressão, Ele lhes daria prosperidade, saúde, paz e segurança. Ele também revelou que mesmo quando eles estavam sendo castigados por seus pecados, Ele ainda os amava e que - assim que se arrependessem - Ele teria misericórdia e traria tempos de bênção novamente.

Em outras ocasiões, quando um perigo particular em era uma ameaça - como uma invasão militar por um inimigo poderoso - Ele assegurava que os protegeria e que a invasão não teria sucesso.

De todas essas maneiras, Deus agiu como um pai para com Israel, alertando seus filhos sobre as consequências do mau comportamento, prometendo recompensas pelo bom comportamento, assegurando-lhes seu amor mesmo em meio à disciplina e amenizando seus temores.

Por tudo isso, os profetas agiram como porta-vozes de Deus, entregando essas mensagens aos filhos de Israel.

Os profetas tinham um lugar privilegiado no plano de Deus, como mostrado por suas advertências contra se voltar para outros personagens que também afirmavam possuir conhecimentos ocultos. O Antigo Testamento adverte contra quem “pratique encantamentos, que interroga espíritos ou adivinhos, ou ainda que invoque os mortos” (Dt 18, 11). Esses indivíduos alegaram dar às pessoas informações de fontes sobrenaturais, mas não as estavam recebendo de Deus. Conseqüentemente, Deus avisou os israelitas por meio de Moisés a ouvirem apenas seus porta-vozes autorizados, dizendo-lhes: “Iahweh teu Deus suscitará um profeta co-mo eu no meio de ti, dentre os teus irmãos, e vós o ouvireis” (18, 15) Ele também lhes deu testes que poderiam usar para distinguir os profetas verdadeiros dos falsos (Dt 13, 1-5; 18, 20-22).

Como o foco da profecia, especialmente no Antigo Testamento, tendia a ser as consequências do bom e do mau comportamentos nesta vida, as profecias freqüentemente tinham um prazo de cumprimento mais curto do que podemos esperar hoje.

Sabemos que a profecia geralmente tem a ver com o futuro e, portanto, podemos presumir erroneamente que uma determinada profecia tem a ver com o nosso futuro. Mas, normalmente, os profetas alertavam seu público sobre as consequências que aconteceriam em breve - seja em sua própria geração ou dentro de algumas gerações após a data em que a profecia foi dada. Este é um tema que veremos repetidamente.

2 - Que escolas de pensamento existem sobre profecia bíblica?

Hoje, as principais escolas de pensamento sobre profecia bíblica giram em torno da questão do que reside em nosso futuro.

É universalmente aceito entre os cristãos que certos eventos ainda estão por vir. Isso inclui a Segunda Vinda de Cristo, a ressurreição final dos mortos, o juízo final e o estabelecimento da ordem eterna, com o aparecimento do que a Escritura descreve como “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21, 1)

A maior questão sobre a qual os cristãos discordam é se, após a Segunda Vinda - mas *antes* da ressurreição final e dos outros eventos mencionados - haverá um longo período em que Jesus reina fisicamente na terra, talvez desde a cidade de Jerusalém.

Apocalipse 20, 1-6 descreve um período de “mil anos” em que Cristo e os santos governam antes da ressurreição final, mas a interpretação deste texto está em disputa.

A posição de que é um reino terreno, e que vem depois da Segunda Vinda, é historicamente conhecida como “milenarismo” - da palavra latina *millennium* (*mille* “mil” + *annus* “ano”).

Recentemente, teólogos protestantes introduziram um conjunto especializado de termos relacionados a esse ponto de vista. A crença de que a Segunda Vinda será seguida por um milênio em que Cristo governa a terra passou a ser chamada de *pré-milenismo* - ou *pré-milenialismo* - porque é dito que Cristo retornará antes (pré-) do milênio.

Uma visão alternativa é conhecida como *pós-milenismo* (ou *pós-milenarismo*). Ela afirma que haverá uma era de ouro futura em que Cristo reina do céu. A Segunda Vinda ocorrerá depois (pós-) deste milênio.

Uma posição final é conhecida como *amilenismo* (ou *amilenialismo*). Essa visão sustenta que não haverá uma era de ouro futura na terra, nem antes nem depois da Segunda Vinda. Em vez disso, Cristo já está reinando do céu agora.

A palavra *amilenismo* sugere que não existe um (não-) milênio. No entanto, esse é um nome impróprio, uma vez que as pessoas que defendem esse ponto de vista reconhecem o reino celestial de Cristo - e os efeitos que ele está tendo na terra aqui e agora por meio da ação de Deus no mundo.

Desde a Reforma Protestante, todas essas três visões tiveram altos e baixos. Os reformadores originais eram principalmente amilenistas. No século XIX, o pós-milenismo era comum. E em meio às guerras catastróficas do século XX, o pré-milenismo se tornou popular.

Digno de nota especial é uma escola de pensamento protestante que surgiu em meados do século XIX, conhecida como *dispensacionalismo*. Essa visão abraçou o pré-milenismo, mas acrescentou um novo ensino distinto: o arrebatamento.

De acordo com essa visão, haverá um evento *antes* do futuro milênio terrestre no qual Cristo retornará no céu e "arrebatará" seus seguidores terrestres, levando-os para o céu por um período de tempo (normalmente sete anos) antes do início do milênio . O nome arrebatamento é baseado na palavra latina *rapere* ("arrebatar").

Por causa desse novo ensino, os estudiosos às vezes falam de "pré-milenismo histórico", o que não pressupõe que haverá um arrebatamento antes do milênio, e "pré-milenismo dispensacional", que pressupõe.

No final do século XX, o pré-milenismo dispensacionalista se tornou muito comum nos círculos evangélicos protestantes, sendo defendido em livros e filmes como *The Late, Great Planet Earth* e *Left Behind*. No entanto, era menos comum entre outros protestantes e hoje sua popularidade começou a diminuir.

Por sua vez, a Igreja Católica não usa a terminologia que se desenvolveu nos círculos protestantes. Os documentos da Igreja ainda se referem ao *pré-milenismo* por seu nome histórico, *milenarismo*.

Essa visão é incompatível com o ensino católico. De acordo com o *Catecismo da Igreja Católica*, "A Igreja rejeitou esta falsificação do Reino futuro, mesmo na sua forma mitigada, sob o nome de milenarismo" (CIC 676). O Catecismo então faz referência a um documento de 1944 que concluiu que "O sistema do milenarismo mitigado não pode ser ensinado com segurança." (Denzinger-Schönmetzer, *Enchiridion Symbolorum* 3839).

A Igreja não rejeitou explicitamente a visão de que haverá uma futura era de ouro na terra em que Cristo governa do céu (ou seja, pós-milenismo), embora tenha dito que o reino de Deus será cumprido "O Reino não se consumará, pois, por um triunfo histórico da Igreja segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o último desencadear do mal " (CIC 677).

Conseqüentemente, os pensadores católicos geralmente se apegam ao que os protestantes chamam de amilênismo - a visão de que o milênio está acontecendo agora, com Cristo reinando do céu, com efeitos positivos correspondentes na terra (CIC 668-671).

3 - Como funciona o simbolismo profético?

A profecia bíblica freqüentemente usa simbolismo, mas às vezes não.

Pouco antes da crucificação, Jesus disse aos seus discípulos: “Eis que estamos subindo para Jerusalém, e o Filho do Homem será entregue aos chefes dos sacerdotes e aos escribas; eles O condenarão à morte e o entregarão aos gentios, zombarão dEle e cuspirão nEle, O açoitarão e o matarão, e três dias depois Ele ressuscitará”. (Marcos 10, 33-34).

Essa profecia é apresentada de maneira direta e não simbólica. Jesus afirma que uma série de eventos específicos acontecerão. Ele identifica as partes envolvidas (os principais sacerdotes, escribas e gentios). Ele identifica o lugar (Jerusalém). E ele indica os tempos envolvidos (uma vez que eles chegam a Jerusalém, com a Ressurreição ocorrendo “três dias” após sua morte).

Na maior parte do tempo, a profecia bíblica não é apresentada dessa maneira direta. Normalmente, está envolta em simbolismo. Os profetas do Antigo Testamento usavam regularmente o simbolismo e o livro do Apocalipse é famoso por isso.

Por que Deus geralmente usa simbolismo na profecia é uma questão interessante. O simbolismo pode tornar a profecia mais atraente, convidando-nos a pensar mais profundamente sobre ela e, assim, internalizar melhor sua mensagem do que se Deus apenas nos desse uma lista de coisas que acontecerão no futuro. Além disso, os símbolos podem ter mais de um significado, permitindo que Deus use uma única passagem para comunicar várias coisas - dando-nos uma mensagem mais rica e informativa.

Às vezes, somos informados diretamente o que um símbolo significa. João nos diz que o linho fino com que a Noiva de Cristo está vestida representa “representa a conduta justa dos santos” (Ap 19, 8). Na maioria das vezes, porém, não somos informados diretamente sobre o significado de um símbolo. Nesses casos, temos que fazer o nosso melhor para descobrir com base nas dicas do texto e em nosso conhecimento de como outros símbolos semelhantes são usados nas Escrituras.

Precisamos prestar muita atenção ao fato de que os símbolos bíblicos podem ter vários significados. Por exemplo, quando João vê a besta com sete cabeças, ele diz: “as sete cabeças são sete montes ... São também sete reis”(Ap 17, 9-10).

Às vezes a Bíblia usa o simbolismo de maneiras que nos surpreendem hoje, como quando encontramos a linguagem do “cataclismo cósmico”, onde os profetas falam sobre o sol escurecendo, a lua não dando sua luz, as estrelas caindo, etc. (Isaías 13, 10; 24, 18-23; 34, 4; Ezequiel 32, 7; Joel 2, 10,31; Amós 8, 9; Ageu 2, 22; Marcos 13, 24-25).

Alguns entendem que essas imagens indicam fenômenos familiares: eclipses solares (escurecimento do sol), eclipses lunares (a lua não dá luz), chuvas de meteoros (estrelas caindo). No entanto, há outro entendimento que considera essa linguagem como um símbolo do julgamento de Deus sobre um povo. Por exemplo, Isaías 13 contém um oráculo contra a Babilônia que diz: “as estrelas do céu e Orion não darão a sua luz. O sol se escurecerá ao

nascer, e a lua não dará a sua claridade. ... Por isto farei estremecer os céus, a terra se moverá do seu lugar"(vv. 10,13). Mas Deus deixa claro como esse julgamento sobre os babilônios será realizado: "Eis que vou suscitar contra eles os medos" (v. 17). Isso nos mostra que, neste caso, a linguagem do cataclismo cósmico é simbólica. Deus está usando essas imagens para descrever a conquista do império babilônico pelos antigos medos. Portanto, refere-se a um evento em nosso passado - como admitido até mesmo por comentaristas que geralmente são rápidos em ver as profecias como aplicáveis ao nosso futuro, como os dispensacionistas.

As imagens do cataclismo cósmico são uma expressão poética de como seria viver por meio do julgamento. Para quem está experimentando, seria como se o sol e a lua escurecessem e as estrelas caíssem do céu. Além disso, alguns intérpretes viram os corpos celestes como símbolos dos governantes do povo, que tremiam e perdiam suas posições no tumulto.

Essa visão simbólica não é uma nova interpretação. A linguagem dos profetas foi entendida desta forma por muito tempo. Por exemplo, foi interpretado dessa forma pelo estudioso judeu do século XII, Moses Maimônides ([Guia para os Perplexos](#)), e é amplamente compreendido dessa forma por estudiosos de todas as vertentes hoje.

4 - Como funciona o cumprimento profético?

Quando um verdadeiro profeta diz algo sobre o futuro, em algum momento, isso deverá ser cumprido. Isso levanta a questão de como funciona o conceito de cumprimento.

Em casos de profecia não simbólica, muitas vezes é fácil identificar o cumprimento, como quando Jesus disse que ressuscitaria dos mortos.

O conceito de realização nem sempre é tão simples, no entanto. Uma razão é que - como observamos na Seção 3 acima acima - um símbolo pode ter mais de um significado e, portanto, ser cumprido de mais de uma maneira. No Apocalipse, as sete cabeças da besta são cumpridas por haver sete montanhas (17, 9) e nas pessoas de sete reis (17,10).

Além disso, como também observado na Seção 3, precisamos levar em conta o sentido literal de um texto e de seus sentidos espirituais, que podem apontar para realizações adicionais.

No livro de Oséias, Deus declara: "Quando Israel era um menino, eu o amei e do Egito chamei meu filho." (11, 1). Em seu contexto original, o significado deste texto é claro: ele se refere ao evento do Êxodo, séculos antes, quando Deus usou Moisés para libertar os israelitas da escravidão no Egito. Esse é o sentido literal do texto.

Mas também há um sentido espiritual do qual o profeta Oséias pode não ter consciência. Isso é trazido por Mateus, que reconheceu que quando a Sagrada Família voltou de sua fuga para o Egito, Deus também trouxe seu filho, Jesus, daquela terra. Assim, Mateus escreve: "para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: Do Egito chamei o meu filho." (Mateus 2,15).

O sentido literal de Oséias 11, 1, portanto, se refere a um evento, que faz parte da história do Antigo Testamento, embora haja também um sentido espiritual que se aplica a Cristo no Novo Testamento.

Esta não é a única vez que isso acontece. Por exemplo, na época do rei Acaz (732-716 a.C.), a Síria havia forjado uma aliança militar com o reino do norte de Israel que ameaçava conquistar Acaz em Jerusalém (Isaiás 7, 1-2). Deus enviou Isaías para assegurar a Acaz que a aliança não teria sucesso (vv. 3-9) e disse-lhe para nomear um sinal para Deus lhe dar como prova (vv. 10-11).

Acaz se recusou a nomear um sinal (v. 14), então Deus declarou: "Pois sabei que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho e pôr-lhe-á o nome de Emanuel... Com efeito, antes que o menino saiba rejeitar o mal e escolher o bem, a terra, por cujos dois reis tu te apavoras, ficará reduzida a um ermo."(vv. 14, 16).

Para que esse sinal fosse significativo para Acaz, ele teria que ser cumprido em sua própria época - na verdade, muito rapidamente. Portanto, aponta, no nível primário, literal, para uma criança concebida naquela época (talvez o filho de Acaz, o futuro Rei Ezequias).

Isso era tão óbvio para o evangelista Mateus quanto para nós, mas, como os outros autores do Novo Testamento, Mateus reconheceu o texto bíblico como tendo múltiplas dimensões, e então ele reconheceu que a profecia também apontava para Cristo, que era "Emanuel, "Ou, em hebraico,"Deus conosco "(Mt 1,23).

Isso nos mostra várias coisas:

1. Uma profecia pode ter mais de um cumprimento.
2. Pode ter um cumprimento logo após ter sido dado e um outro cumprimento séculos depois.
3. Se sabemos sobre o cumprimento do Novo Testamento, não devemos presumir que este foi o único. Pode ter havido outro cumprimento anterior no Antigo Testamento.
4. Na verdade, o cumprimento do Antigo Testamento talvez tenha tido um significado no sentido literal do texto, enquanto o cumprimento do Novo Testamento deve ser encontrado no sentido espiritual do texto.

Às vezes, o entendimento de cumprimento dos autores bíblicos pode ser muito amplo. Assim, Isaías 6, 9-10 fala dos israelitas de seus dias como sendo espiritualmente duros em ouvir e não compreenderam a mensagem de Isaías. Os israelitas da época de Jesus também eram insensíveis e em Mateus 13, 14-15, o evangelista diz que "É neles que se cumpre a profecia de Isaías".

Parece que os autores do Novo Testamento poderiam potencialmente ver quaisquer eventos posteriores que ecoassem um texto profético anterior como em algum sentido o cumprido. Isso nos aponta para uma compreensão ampla do conceito de cumprimento de uma profecia.

Finalmente, devemos notar que Deus às vezes cumpria suas profecias de maneiras que teriam sido surpreendentes para o público antigo. Quando isso acontece, o cumprimento pode ser muito maior do que o esperado. O fato de que o Messias seria um salvador divino e sofredor que morreria para salvar o mundo - não um líder militar meramente humano que expulsaria os odiados romanos - é um exemplo.

5 - Que procedimento devemos usar ao interpretar um texto profético? O que especificamente precisamos evitar?

Tendo explanado alguns princípios específicos necessários ao interpretar os textos proféticos, podemos delinear o procedimento geral que devemos usar, que envolve várias etapas.

1. A primeira coisa a fazer é deixar de lado as expectativas que você tem sobre o texto. Em particular, não olhe para um texto para validar uma visão específica que você já possua. Pergunte o que o texto está dizendo, não o que você quer que ele diga.
2. Com o melhor de sua capacidade, identifique quem escreveu um texto profético, quem era o público original e quando o texto foi composto. Às vezes, isso é difícil ou pode ser feito apenas dentro de limites amplos, mas situar um texto em suas circunstâncias históricas é importante.
3. Procure estabelecer o sentido literal do texto, concentrando-se nas palavras que o autor escreveu e interpretando-as no contexto histórico em que foram compostas (isso significará colocar temporariamente de lado o que podemos saber sobre este texto de outras fontes, como, por exemplo, foi tratado no Novo Testamento). Especificamente, pergunte como essas palavras teriam sido entendidas pelo público original.
4. Pergunte que mensagem geral o profeta estava tentando comunicar ao seu público. Lembre-se de que não foi para satisfazer nossa curiosidade sobre o nosso futuro. Os profetas procuraram alertar os israelitas sobre o mau comportamento, prometer recompensas pelo bom comportamento, assegurar-lhes o amor de Deus e dar-lhes informações sobre como viveriam as circunstâncias históricas que enfrentariam. Que tipo de mensagem está sendo transmitida no texto que você está examinando?
5. Pergunte quais elementos no texto são simbólicos (ou podem ser simbólicos) e o que esses símbolos provavelmente significam - com base no que este texto diz e como símbolos semelhantes são usados em outros lugares.
6. Procure por pistas no texto que dêem uma ideia de quando o profeta e sua audiência esperavam que o texto se cumprisse. Tenha em mente que isso normalmente aconteceria dentro da própria geração do profeta ou dentro de algumas gerações.
7. Pergunte quais eventos ocorridos naquele período de tempo poderiam ter cumprido a profecia. Às vezes, pode não ser possível identificar um evento específico devido ao fato de muitos detalhes da história antiga terem sido esquecidos, mas isso não significa que não houve um evento que o cumprisse. Procure a passagem nos comentários para ver o que os estudiosos propuseram como cumprimento.
8. Pergunte se poderia ter havido outros cumprimentos, visto que um símbolo às vezes pode apontar para mais de uma coisa.
9. Tendo procurado estabelecer o sentido original e literal do texto, explore quais sentidos espirituais podem existir. Neste ponto, é apropriado trazer de volta o conhecimento de como o texto foi usado posteriormente no Novo Testamento. Visto que o Novo Testamento não é um comentário exaustivo sobre o Antigo, também é apropriado considerar se pode haver mais cumprimentos do texto (por exemplo, interpretações cristológicas adicionais).

Dado o nosso objetivo de proporcionar um ‘guia para iniciantes’, trata-se, obviamente, de procedimento simplificado. No entanto, servirá como um bom ponto de partida para a interpretação de textos proféticos. Violar esses princípios é uma receita para interpretar mal, truncar e distorcer o significado de um texto.

Os maiores erros que você pode cometer incluem **1)** olhar para o texto para validar uma visão que você já possui, em vez de considerá-la em seus próprios termos; **2)** não prestar atenção ao autor original, ao público e às circunstâncias históricas do texto; **3)** iniciar sua interpretação concentrando-se em algo diferente do que o texto realmente diz; **4)** deixar de perguntar o que o profeta estava tentando ensinar ao público original; **5)** não identificar ou avaliar cuidadosamente os símbolos no texto; **6)** aplicar automaticamente o texto a uma época posterior (particularmente ao 1º século d.C. ou ao nosso futuro); **7)** ignorar possíveis cumprimentos ocorridos logo após a época do profeta; **8)** assumir que a profecia pode ter

apenas um cumprimento; e **9)** centrar-se em como o texto foi usado por autores posteriores (na Bíblia ou não) antes de procurar entendê-lo em seus próprios termos.

6 - Como o Novo Testamento cumpre as profecias do Antigo Testamento?

O Novo Testamento pega os principais temas explorados nos profetas do Antigo Testamento, às vezes cumprindo-os de uma maneira ainda maior do que poderia ter sido compreendido pelo público original (Mt. 13,17; Ef. 3, 4-6; Cl 1, 26).

1) Bênção e Castigo: Esses temas permanecem no Novo Testamento, mas o foco mudou. Enquanto o Antigo Testamento se concentrava nas bênçãos e punições que as pessoas receberiam nesta vida, o Novo Testamento tem uma perspectiva mais ampla e se concentra nas recompensas e punições eternas que alguém receberá na próxima vida (Rm 2, 6-7; Gl 6, 6-10).

2) Exílio e Retorno: O exílio na Babilônia acabou, muitos dos judeus voltaram para a sua terra e o templo foi reconstruído. Estamos agora em uma época em que a restauração predita pelos profetas do Antigo Testamento - ou grande parte da restauração - ocorreu.

Uma questão que permanece pendente é a reunião das dez tribos do reino do norte de Israel, que também foi predita. Embora essas tribos sejam frequentemente descritas hoje como "perdidas", não está claro se elas eram consideradas perdidas no 1º século DC. Ainda havia membros dessas tribos que se encontravam na Palestina (cf. Lucas 2, 36), no Novo Testamento ainda se falava da existência das doze tribos (Atos 26, 7; Tiago 1, 1) e os samaritanos eram descendentes de membros dessas tribos. Seu reagrupamento, portanto, pode ter sido realizado por meio de pequenas migrações que não foram totalmente documentadas (mesmo que muitos tenham permanecido nas terras do exílio, assim como muitos judeus permaneceram na Diáspora).

Também pode ter sido realizado por sua incorporação espiritual no reino de Deus, como pela conversão à fé cristã (como acontece com muitos samaritanos - ver João 4, 39-42; Atos 8, 4-25).

Outros sugeriram que isso ocorreu espiritualmente por meio da conversão ao cristianismo de "gentios" que descendiam dessas tribos depois que começaram a perder sua identidade distinta como israelitas e, portanto, se "perderam".

3) A Monarquia Davídica/O Messias: Embora tenha havido uma restauração parcial do governo davídico por meio do governador Zorobabel nos anos 500 a.C., o cumprimento definitivo e eterno dessa promessa ocorreu por meio de Jesus Cristo.

Antes de Jesus nascer, foi revelado que "o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim." (Lucas 1, 32-33).

Jesus também cumpriu numerosas profecias messiânicas - baseadas no sentido literal ou espiritual dos textos do Antigo Testamento - de modo que quando encontrou discípulos no caminho para Emaús, "começando por Moisés e por todos os Profetas, interpretou-lhes em todas as Escrituras o que a ele dizia respeito." (Lucas 24:27).

4) A Nova Aliança: Como vimos anteriormente, os profetas não apenas previram que Deus estabeleceria uma nova aliança que melhoraria aquela dada por Moisés por ser

espiritualmente transformadora, mas também indicaram que o “servo do Senhor” personificaria pessoalmente esta aliança (Isaías 42, 6; 49, 8).

Isso foi cumprido de forma dramática quando Jesus estabeleceu a Eucaristia, declarando: “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós.” (Lucas 22, 20; 1Cor 11, 25). A Nova Aliança é explorada posteriormente em outras partes do Novo Testamento, particularmente em Hebreus (ver capítulos oito a dez).

5) Visitas/Vindas de Deus: Quando os cristãos consideram este tópico, naturalmente pensam na Segunda Vinda de Cristo, que ocorrerá no final dos tempos (Atos 1, 11; 1Cor 15, 21-26).

Os críticos às vezes acusam Jesus de ter predito falsamente que sua segunda vinda ocorreria durante o primeiro século, dizendo, por exemplo: “Esta geração não passará até que tudo isso aconteça” (Marcos 13, 30). No entanto, como vimos, os profetas entenderam que Deus “visitou” ou “veio” ao seu povo em muitas ocasiões, inclusive servindo como seu juiz, abençoando os justos, defendendo-os e punindo os malfeiteiros. Este é um contexto importante quando encontramos discussões semelhantes no Novo Testamento, que descreve Deus/Jesus /o Reino como vindo de várias maneiras (cf. Lucas 1, 68; 9, 27-36; 17,21; 19, 41-44)

7 - Que profecias são encontradas nas cartas do Novo Testamento?

Muito do Novo Testamento consiste em cartas escritas por vários personagens dos primeiros cristãos, incluindo São Paulo. Essas cartas contêm profecias.

As cartas não-paulinas não contêm muito material profético. No entanto, eles enfatizam certos temas comuns, como a Segunda Vinda de Cristo no último dia (Hebreus 10:37; Tiago 5, 7-8; 1Pedro 1, 7,13; 2,12; 1João 2, 28), quando os vivos e os mortos serão julgados (1Pd 4, 5; 2Pedro 2, 9; Judas 1, 6,15), e os justos salvos e recompensados (Hebreus 9, 28; 1Pedro 1, 5; 5, 4). Eles também observam que no tempo que antecederá esses eventos, haverá escarnecedores que duvidarão deles (2Pedro 3, 3-4; Judas 1, 18), mas Deus os cumprirá em seu próprio tempo (2Pedro 3, 8-9).

Além desses temas gerais, algumas profecias específicas incluem que o mundo atual perecerá pelo fogo (2Pedro 3, 7-12), que aguardamos novos céus e uma nova terra (v. 13) e que seremos transformados para nos tornarmos como Jesus quando ele aparecer (1João 3: 2).

Um tema digno de nota é o do Anticristo. Este termo é encontrado apenas em 1 e 2João, onde se refere a um grupo de pessoas (anticristos individuais) e, aparentemente, a um único Anticristo. O que caracteriza o Anticristo (tanto o indivíduo quanto o grupo) é a negação de que Jesus é o Cristo (1João 2, 22). João também observa que o espírito do Anticristo já estava no mundo em seus dias (4, 3; cf. 2, 18; 2João 7).

Com o tempo, o termo “Anticristo” passou a ser usado para designar o vilão final da história mundial. Também foi aplicado à besta mencionada no Apocalipse e ao “homem sem lei” que Paulo menciona (ver abaixo), mas não está claro se esses personagens são idênticos.

Como as outras cartas, as de Paulo não são principalmente devotadas à profecia. No entanto, elas contêm elementos proféticos, e o grande número de cartas que Paulo escreveu leva a um número significativo de passagens proféticas.

Paulo regularmente enfatiza temas gerais como a Segunda Vinda de Cristo, o julgamento final e a salvação e recompensa dos justos. Ele o faz com tanta frequência que não temos espaço para revisar esses temas aqui. Em vez disso, veremos algumas das profecias mais notáveis e específicas que ele fez.

Por exemplo, Paulo prediz que haverá uma grande conversão do povo judeu a Cristo (Rm. 11, 11-12,25), que aparentemente ocorrerá pouco antes do fim do mundo (11, 15). Paulo revela que, na próxima era, os santos (isto é, os cristãos fiéis) julgarão o mundo, juntamente com os anjos (1Cor 6, 2-3).

Ele também fornece uma discussão extensa sobre a ressurreição dos mortos (1Cor 15, 12-58). Este evento ocorrerá no fim do mundo (11, 23-26) e envolverá uma transformação que mudará nossos corpos mortais atuais em gloriosos corpos imortais (15, 35-44), que será como o corpo ressuscitado de Jesus (15, 49) - um tema que ele também enfatiza em outro lugar (Fp 3, 20-21). Para aqueles que estão vivos no tempo da Segunda Vinda, essa transformação ocorrerá “em um piscar de olhos”, sem que eles morram primeiro (1Cor 15, 51-52).

Paulo revisita alguns desses temas em 1Tessalonicenses, onde discute o fato de que, na Segunda Vinda, “aqueles que dormiram” (isto é, morreram) também aparecerão e ressuscitarão (4, 14-17), enquanto outros fiéis ainda estarão vivos (4,15). O apóstolo escreve: “Em seguida nós, os vivos que estivermos lá, seremos arrebatados com eles nas nuvens para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim, estaremos para sempre com o Senhor.” (4, 17). Essa passagem deu origem a muitas especulações problemáticas. Entre os dispensacionalistas, o evento que Paulo descreve aqui passou a ser conhecido como “o arrebatamento”. O problema é que os dispensacionalistas presumem que a Segunda Vinda ocorrerá alguns anos antes do reinado milenar terrestre de Cristo, que por sua vez precede a ressurreição final dos mortos e o julgamento final.

Em vez disso, a Segunda Vinda e a reunião dos fiéis para estar com Cristo ocorrerão no fim do mundo, com o julgamento final rapidamente a seguir. Observe que isso não é uma negação do que Paulo diz em 1Tessalonicenses 4, 17. Embora o termo “arrebatamento” não seja usado para este evento nos círculos católicos, os fiéis serão reunidos para estar com ele, e ele continuará a julgar toda a humanidade.

Assim, Paulo enfatiza que “*quando* se revelar o Senhor Jesus, vindo do céu,” (2 Tessalonicenses 1, 7, itálico adicionado), os ímpios “o castigo deles será a ruína eterna, longe da face do Senhor. . . quando ele vier, naquele Dia, para ser glorificado na pessoa dos seus santos ”(1, 9-10) - um evento geral que Paulo descreve como“ à Vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e à nossa reunião com ele” (2, 1).

Paulo também dá uma série de detalhes sobre os sinais que precederão este evento, dizendo: “porque deve vir primeiro a apostasia, e aparecer o homem ímpio, o filho da perdição, 4o adversário, que se levanta contra tudo que se chama Deus, ou recebe um culto, chegando a sentar-se pessoalmente no templo de Deus, e querendo passar por Deus.”(2, 3-4).

Ele também indica que algo está atualmente segurando esses eventos (2, 6-7), mas que, por fim, "aparecerá o ímpio, aquele que o Senhor destruirá com o sopro de sua boca, e o suprimirá pela manifestação de sua Vinda."(2, 8).

Ele afirma ainda que a vinda do iníquo será acompanhada por falsos sinais e maravilhas que enganarão a muitos (2, 9-12). Isso aparentemente desempenha um papel na “rebelião” (em grego, *apostasia*, o mesmo em português “apostasia”) que acompanhará o homem da iniquidade (cf. 2Tm 3, 1-9).

Este último vilão da história mundial tem sido freqüentemente referido como o Anticristo e muitas vezes foi relacionado com a besta do Apocalipse, embora haja razões para se ter cuidado com essa identificação.

8 - O que a Igreja ensina sobre a profecia bíblica e nosso futuro?

A Igreja Católica não tem um conjunto detalhado de ensinamentos sobre exatamente o que acontecerá em nosso futuro. Em grande parte, deixa a interpretação dos textos bíblicos para os estudiosos.

A Igreja, portanto, não tem um ensino oficial sobre como o livro do Apocalipse deve ser interpretado. Embora muitos estudiosos católicos defendam alguma forma de preterismo¹, a Igreja permite que o livro seja entendido nos sentidos historicista, idealista ou futurista - ou com uma certa combinação deles.

No entanto, a Igreja tem um conjunto de ensinamentos em linhas gerais sobre o que acontecerá no futuro.

Como observamos, a Igreja não afirma que haverá um período antes do fim do mundo em que Cristo reina fisicamente na terra - talvez de Jerusalém - como ensinado no milenarismo ou pré-milenismo (CIC 676).

Em vez disso, a Igreja reconhece que na era presente, Cristo já reina do céu (CIC 668; cf. Mt 28,18; 1Cor 15, 25; Ef 1, 20-21) e por meio da Igreja na terra (CIC 669-670; cf. Mt 28, 19-20; Ef 1, 22).

O presente reinado é parcial, pois nem todos os inimigos de Cristo foram derrotados. Ainda há o mal no mundo e, como nos diz São Paulo, que é preciso que Jesus “reine, até que tenha posto todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído será a Morte”(1Cor. 15, 25-26). Portanto, o reino de Cristo será cumprido de uma forma mais definitiva no futuro (CIC 671).

“O tempo presente é, segundo o Senhor, o tempo do Espírito e do testemunho mas é também um tempo ainda marcado pela ‘desolação’ e pela provação do mal, que não poupa a Igreja (Atos 1, 8; 1Cor 7, 26; Ef. 5, 16; 1Pd 4, 17) e inaugura os combates dos últimos dias. É um tempo de espera e de vigília.” (CIC 672).

¹ N.T.: O preterismo é a metodologia mais popular para o exame do Apocalipse e dos Livros proféticos do Antigo Testamento entre os eruditos críticos. Essa escola é também conhecida como contemporânea-histórica. Entendem que a grande maioria das profecias (ou todas) cumpriram-se na destruição de Jerusalém (em 70 dC).

Quanto tempo esse tempo vai durar não se sabe. “A partir da ascensão, a vinda de Cristo na glória está iminente mesmo que não nos ‘pertença saber os tempos ou os momentos que o Pai determinou com a sua autoridade’ (Atos 1, 7; cf. Marcos 13, 32). Este advento escatológico pode realizar-se a qualquer momento, ainda que esteja ‘retido’, ele e a provação final que o há-de preceder.”(CIC 673).

Essa iminência não significa que não haverá sinais da Segunda Vinda. Pelo contrário, haverá.

Um desses sinais é uma conversão em grande escala do povo judeu. “A vinda do Messias glorioso está pendente, a todo o momento da história, do seu reconhecimento por ‘todo o Israel’, do qual ‘uma parte se endureceu’ na ‘incredulidade’ (Rm 11, 20) em relação a Jesus.” (CIC 674).

Um outro evento que ocorrerá é uma grande calamidade, que o Catecismo se refere como "a prova final da Igreja", explicando: "Antes da vinda de Cristo, a Igreja deverá passar por uma prova final, que abalará a fé de numerosos crentes. A perseguição, que acompanha a sua peregrinação na Terra, porá a descoberto o ‘mistério da iniquidade’, sob a forma duma impostura religiosa, que trará aos homens uma solução aparente para os seus problemas, à custa da apostasia da verdade. A suprema impostura religiosa é a do Anticristo, isto é, dum pseudo-messianismo em que o homem se glorifica a si mesmo, substituindo-se a Deus e ao Messias Encarnado"(Catecismo 675).

Esta provação terá um grande impacto na Igreja, que “seguirá o seu Senhor na sua morte e ressurreição. O Reino não se consumará, pois, por um triunfo histórico da Igreja segundo um progresso ascendente, mas por uma vitória de Deus sobre o último desencadear do mal, que fará descer do céu a sua Esposa (cf. Ap 13, 8. 20, 7-10. 21, 2-4) ”(CIC 677). Jesus, portanto, retornará, resgatará seus seguidores desta provação e trará o fim da presente ordem de coisas.

Quando o inimigo final de Cristo - a morte - for destruído, a ressurreição dos mortos ocorrerá, com todo ser humano que já viveu trazido de volta à vida (CIC 988-1004).

“O Juízo final terá lugar quando acontecer a vinda gloriosa de Cristo. Só o Pai sabe o dia e a hora, só Ele decide sobre a sua vinda. Pelo seu Filho Jesus Cristo. Ele pronunciará então a sua palavra definitiva sobre toda a história. Nós ficaremos a saber o sentido último de toda a obra da criação e de toda a economia da salvação, e compreenderemos os caminhos admiráveis pelos quais a sua providência tudo terá conduzido para o seu fim último. O Juízo final revelará como a justiça de Deus triunfa de todas as injustiças cometidas pelas suas criaturas e como o seu amor é mais forte do que a morte ”(CIC 1040).

Neste momento, os homens receberão seu destino final - o céu, se eles se abriram para o amor de Deus, ou o inferno, se eles se fecharam definitivamente para sua oferta de misericórdia e amor (CIC 1023-1037).

“Depois do Juízo final, os justos reinarão para sempre com Cristo, glorificados em corpo e alma, e o próprio universo será renovado” (CIC 1042).

“A esta misteriosa renovação, que há-de transformar a humanidade e o mundo, a Sagrada Escritura chama ‘os novos céus e a nova terra’ (2Pd 3:1)” (CIC 1043, cf. Ap 21:1).

“Neste ‘mundo novo’, a Jerusalém celeste, Deus terá a sua morada entre os homens. ‘Há-de enxugar-lhes dos olhos todas as lágrimas; a morte deixará de existir, e não mais haverá luto,

nem clamor, nem fadiga. Porque o que havia anteriormente desapareceu' (Ap 21, 4)" (CIC 1044).

Embora muito sobre o futuro permaneça incerto, podemos estar confiantes de que todo o curso da história está nas mãos de Deus e que um dia ele o levará a uma conclusão grandiosa e gloriosa. Ele acabará com a tirania da morte e do sofrimento e satisfará nossos anseios mais profundos de maneiras que excedem em muito qualquer coisa que possamos imaginar no momento.

Autoria: [Catholic Answers](#)